

A representação das consoantes róticas nos sistemas de crianças brasileiras e argentinas*

Ana Ruth Moresco Miranda**

Resumo – Neste estudo, discute-se os dados de aquisição do 'r' por crianças brasileiras e argentinas à luz das propostas de Câmara Jr. (1953), Harris (1983) e Bonet e Mascaró (1996) para a representação dessas consoantes nos sistemas das línguas romances em que há contrastes do tipo *caro-carro* e *pero-perro*.

Introdução

Os estudos em aquisição da fonologia, ao se voltarem para o modo como as crianças, a partir de seus dotes inatos e das evidências externas a que estão submetidas, adquirem tanto o sistema segmental como as estruturas prosódicas de sua língua, têm trazido importantes contribuições para as discussões relativas ao funcionamento dos sistemas fonológicos das línguas humanas.

Neste estudo, será focalizada a representação das consoantes róticas nos sistemas do Português e do Espanhol, problema que vem sendo tratado há mais de meio século por estudiosos da área (Câmara Jr., 1953, 1977; Harris, 1983; Bonet e Mascaró, 1996; entre outros). Após a apresentação da distribuição dessas consoantes no sistema, serão retomadas as principais propostas sobre sua representação fonológica. Por fim, os resultados obtidos da análise de dados da aquisição dos 'r's por crianças brasileiras (Miranda, 1996) e argentinas¹ serão apresentados e discutidos à luz das propostas apresentadas sobre o status fonêmico dessas consoantes.

* Este artigo é o resultado do desenvolvimento do trabalho apresentado na ABRALIN em 2001, a ser publicado em outra versão, sem os dados do espanhol, nos Anais do Encontro.

** UFPel. ramil@ufpel.tche.br

¹ Os dados do espanhol estão sendo coletados em Buenos Aires por Carla.

As consoantes róticas e sua distribuição no sistema

As consoantes róticas, conhecidas como líquidas não-laterais, apresentam similaridades acústicas e padrão fonológico comum com as laterais, constituindo com elas a classe das líquidas. A grande diversidade fonética com que se manifestam os róticos é uma das características desses sons que, segundo Maddieson (1984, p. 73), estão presentes em 76% das línguas do mundo já descritas. Foneticamente, encontra-se variedade tanto no ponto como no modo de articulação dessas consoantes. Lindau (1985) afirma que, embora não possa ser identificada uma propriedade acústica comum a todos os 'r's encontrados nas diferentes línguas, há como definir uma relação de parentesco entre eles.

O fenômeno observado por Malmberg (1954), que se caracteriza por uma mudança de ponto e de modo de articulação do *r-forte*, pode ser encontrado na fala característica de muitas regiões do Brasil. Nesses dialetos, a posteriorização, que segundo o autor é uma consequência do enfraquecimento da pronúncia, causou as seguintes mudanças: primeiro fez com que o *r-forte* deixasse de ser produzido como alveolar e passasse a velar; depois, alterou o modo de articulação, fazendo com que a vibrante passasse a ser produzida como uma fricativa. No caso dos dados do português examinados, a produção esperada de *r-forte* foi sempre a de uma fricativa velar, pronúncia característica da região de coleta dos dados. O mesmo não ocorre com os dados do Espanhol, pois o *r-forte*, no dialeto buenairense, é sempre produzido como um *trill*, uma vibrante múltipla alveolar.

Levando-se em conta a posição silábica, no português e no espanhol, a distribuição para o *r-fraco* e o *r-forte*² mostra que:

- em posição de ataque, início de palavra, só encontramos o [R], como em *rato* e *ratón*;
- em posição de coda [r] e [R] são alofones, mas na pronúncia das regiões estudadas (Buenos Aires e Porto Alegre/Pelotas) apenas *r-fraco* é produzido, *porta* e *puerta*;
- em posição de ataque, dentro da palavra, [r] e [R] são contrastivos intervocalicamente, como em *caro* e *carro*, *pero* e *perro*;
- em posição de ataque, seguindo sibilantes /S/ ou soantes /l/ e /N/, só é possível [R], como em *Israel*, *enrolar* e *gueltra*;
- depois de obstruintes tautossilábicas, só encontramos o [r], como em *prato* e *pedra*.

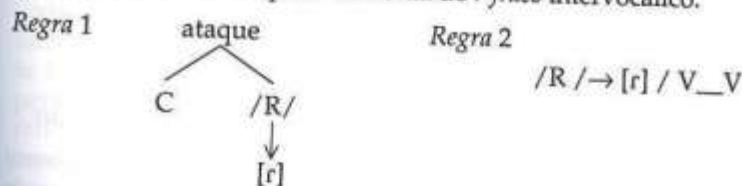
² *r-forte*(trill alveolar do espanhol e fricativa velar do português) e *r-fraco*(flap) estão sendo representados nesse trabalho por [R] e [r], respectivamente.

Conforme se pode observar, os 'r's forte e fraco contrastam unicamente em ambiente intervocalico. Essa assimetria distribucional é o fato gerador da discussão a respeito da existência fonêmica de uma ou duas róticas no português e também no espanhol. Dessa controvérsia surgem três propostas diferentes, atendendo às três possibilidades lógicas:

- há apenas um *r-forte* na subjacência
- há apenas um *r-fraco* na subjacência
- há dois 'r's na subjacência, *r-forte* e *r-fraco*

A proposta de apenas um fonema rótico no sistema foi formulada por Câmara Jr. em sua tese publicada no ano de 1953. O fonema vibrante subjacentemente seria, segundo ele, o *r-forte*. Para o autor, o *r-fraco* seria uma variante enfraquecida do *r-forte* à semelhança do que ocorreu na diacronia quando consoantes simples se tornaram fracas em posição intervocalica.

A posição que originalmente foi de Câmara Jr. Voltou a ser defendida por Wetzels em um Curso ministrado na PUCRS em abril de 1995. Segundo ele, seria mais simples para a teoria a afirmação de que no português há a integração dos 'r's na matriz fonológica. Considerando que o *r-forte* ocorre em todas as posições, menos em ataque complexo, o lingüista sustenta sua hipótese postulando a necessidade de apenas duas regras: uma para explicar o 'r' de seqüências tautossilábicas e outra para dar conta do *r-fraco* intervocalico.



A regra 1 diz que *r-forte* passa para *r-fraco* quando for o caso de ataque complexo, como em *prato* e *cobra*, por exemplo. A regra 2 explica a única posição em que há contraste no português; segundo ela, o *r-forte* passa para *r-fraco* quando estiver entre vogais. Por essa análise, a forma subjacente de *caro* é /kaRo/ e a de *carro* é /kaRRo/, e, pela regra 2, no primeiro caso, o 'r' enfraquece; no segundo, por ser uma geminada, o 'r' torna-se [R] na forma fonética.

A segunda proposta, segundo a qual há apenas um 'r' na subjacência e esse 'r' é um *r-fraco*, é defendida por Harris (1983), López (1985) e Mateus e Andrade (2000). Para Harris, duas regras explicam o que acontece com o 'r' no sistema:

Regra 1 /r/ → [R] / X₀ [- Regra 2 /r/ → [R] / [+cons] -
 |
 rima

A regra 1 é a regra de reforçamento que explica a presença de [R] em início de palavra (*rosa*). A regra 2 expressa a passagem da forma subjacente /r/ para a forma fonética [R] dentro da palavra, quando o /r/ do ataque vier seguindo uma sílaba pesada (*israel*). Nos contextos intervocálicos, onde há contraste entre fraco e forte, o autor afirma que a distintividade deriva de uma geminada heterosilábica:

- a) *carro* /kar-ro/ → /kar - Ro/ → /kaØ - Ro/ → [kaRo]
 b) *perro* /per-ro/ → /per - Ro/ → /peØ - Ro/ → [peRo]

Seguindo-se a derivação é possível observar que, através da aplicação da regra 2, o /r/ do ataque passa para [R] e o da coda é apagado, resultando nas formas fonéticas acima apresentadas.

Atendendo a terceira possibilidade para a análise, tem-se a proposta defendida por Bonet e Mascaró, em artigo de 1996, segundo a qual existem dois 'r's na subjacência: *r-forte* e *r-fraco*.

Os autores explicam a distribuição das róticos no sistema de línguas romances como o catalão, o espanhol e o português, a partir da adoção de uma Escala de Soância como a que está abaixo, associada ao Ciclo de Soância,³ conforme proposto por Clements:

Escala de Soância

Obstruintes < *fricativas* e /R/ < *nasais* < *laterais* < *glides* e /r/ < *vogais*

Por essa escala, o *r-fraco*, assim como o glide e a lateral, possui um maior índice de soância e, por isso, pode ocupar o lugar de segundo elemento do ataque, enquanto o *r-forte*, assim como as plosivas e as fricativas, ocorre como elemento único nessa posição.

O Ciclo de Soância, em conjunto com a reformulação da Escala de Soância proposta por Bonet & Mascaró, explicam a distribuição de *r-forte* em casos de ataque simples de início de palavra (*rato* e *relógio*) e de ataque de início de sílaba seguindo rima ramificada (*gueltra* e *israel*). Explicam, também, a presença de 'r-fraco' em coda (*mar* e *porta*) e como segundo elemento do ataque (*preto* e *cobra*).

³ O Ciclo de Soância (Clements, 1990, p. 40) diz que: O perfil de soância preferido é uma sílaba na qual o grau de soância aumenta maximamente no início - do ataque para o núcleo - e diminui minimamente no final - do núcleo para a coda.

Resolvidos os casos em que não há contraste, os autores passam então a tratar dos casos em que o contraste ocorre, ou seja, aqueles da posição intervocálica em que /r/ e /R/ são distintivos (*mu-ro/murro, pero/perro*).

Bonet e Mascaró (1996:11) assumem que o "contraste entre flaps e trills na posição intervocálica é o produto de uma diferença representacional, uma propriedade subjacente que distingue o [r] do [r]"⁴. Os autores, a partir da falta de unanimidade encontrada na literatura no que diz respeito aos traços fonológicos caracterizadores das róticos, propõem a existência de um traço [α] ligado a essas consoantes. Subjacentemente o *r-forte* possui o valor não marcado para [α], enquanto o *r-fraco* possui o valor marcado [+α]. A diferença representacional entre o *r-fraco* e o *r-forte*, pode ser assim expressa:

[karo] [kaRo]
 |
 [+α]

Com base nos argumentos acima levantados, Bonet & Mascaró rejeitam a geminação e resolvem o problema do 'r', postulando a existência de duas róticos na subjacência, as quais se caracterizam e se distinguem pela presença de um traço [α].

Os dados de aquisição

Nesta seção, serão apresentados dados que refletem o comportamento linguístico de crianças brasileiras e argentinas, relativamente à aquisição das consoantes róticas. Os dados do português, que pertencem ao AQUIFONO⁵, foram descritos e analisados por Miranda (1996) em seu estudo sobre a aquisição do 'r'. Os dados do espanhol, por seu turno, estão ainda sendo coletados e foram, por isso, analisados apenas qualitativamente.

Os estudos relativos à aquisição da fonologia pela criança têm mostrado que a fixação dos parâmetros silábicos desempenha um papel fundamental no desenvolvimento fonológico, isso quer dizer que simplesmente olhar para aspectos segmentais é, muitas vezes, insuficiente para que se possa dar conta da aquisição desse componente da gramática. Encontra-se apoio claro para tal afirmativa nos estudos de Miranda (1996, 2001) que mostram que a aquisição do 'r' está intrinsecamente relacionada à fixação dos parâmetros silábicos. Os resultados da análise de dados revelaram que a aquisição de

⁴ A tradução foi feita pela autora desse trabalho.

⁵ Banco de dados, criado a partir de uma pesquisa interinstitucional desenvolvida pelas professoras Regina Lamprecht (PUCRS) e Carmen Lúcia Matzenauer (UCPel).

r-forte e *r-fraco* apresentam características distintas, não somente por suas diferenças fonéticas mas também por suas características distribucionais, uma vez que o *r-fraco* é licenciado, pelas regras fonológicas do português, para ocupar várias posições no esqueleto silábico, cabendo ao *r-forte*, ao menos nos dialetos estudados, apenas a posição de ataque simples, posição considerada, pelos estudiosos da área, como a mais facilmente adquirida.

A seguir, estão alguns exemplos representativos de itens lexicais produzidos pelas crianças brasileiras estudadas por Miranda (1996), seguidos de alguns dos resultados encontrados a partir da análise dos dados da fala de 110 crianças com idades ente 2 anos e 3 anos e 9 meses.

<i>rodinha</i>	/Rɔdiɲa/	[gɔ'dʒiɲa]	Helena 2:0
<i>nariz</i>	/nariS/	[na'is]	
<i>trator</i>	/tratoR/	[ta'tor]	
<i>barquinho</i>	/barkinho/	[pa'kiɲu]	
<i>perninha</i>	/perniɲa/	[peɲ'niɲa]	
<i>rádio</i>	/Radio/	['gadʒyɯ]	Guilherme 2:0
<i>rei</i>	/Rei/	['geɲ]	
<i>roda</i>	/Rɔda/	['gɔda]	
<i>rato</i>	/Rato/	['Ratu]	
<i>barco</i>	/barko/	['baku]	
<i>barriga</i>	/baRiga/	[ba'Rida]	Lúisa 2:4
<i>rosa</i>	/Rosa/	['Rɔza]	
<i>corda</i>	/kɔrda/	['kɔda]	
<i>perna</i>	/perna/	['pena]	
<i>pedra</i>	/pedra/	['peda]	
<i>mamadeira</i>	/mamadeira/	[mama'dela]	
<i>petu</i>	/preto/	['petu]	
<i>cigarro</i>	/sigaRo/	[si'gaRu]	Nicolas 2:4
<i>garrafa</i>	/gaRafa/	[ga'Rafa]	
<i>guaraná</i>	/guarana/	[gala'na]	
<i>garfo</i>	/garfo/	['gafu]	
<i>fruta</i>	/fruta/	['futa]	
<i>porteira</i>	/porteira/	[po'tela]	
<i>relógio</i>	/Relɔʒio/	[Re'lɔʒu]	Isabel 3:0
<i>abridor</i>	/abridor/	[abi'dor]	
<i>cobra</i>	/kɔbra/	['kɔba]	
<i>estrela</i>	/estrela/	[is'tela]	
<i>flor</i>	/flor/	['for]	

<i>rabo</i>	/Rabo/	['Rabu]	Thiago 3:6
<i>mostrou</i>	/mostrou/	[mos'to]	
<i>quebrar</i>	/kebrar/	[ke'ba]	
<i>abrir</i>	/abrir/	[a'bi]	
<i>martelo</i>	/martelo/	[mar'telu]	
<i>parede</i>	/parede/	[pa'redʒi]	
<i>preto</i>	/preto/	['pretu]	

Observou-se, nos dados estudados, a seguinte ordem de aquisição: *r-forte* (a partir de 2:4); *r-fraco* em coda final (a partir de 2:8); *r-fraco* em ataque simples e em coda medial (a partir de 3:6); *r-fraco* em ataque complexo (a partir de 3:8).⁶

Quanto às substituições para *r-fraco*, verificou-se:

- *ataque simples*: o predomínio de substituição do 'r' por líquida lateral; casos de apagamento e semivocalizações com [y], em número reduzido;
- *coda medial*: altos índices de apagamento do 'r'; substituições por lateral e semivogais, raramente encontradas;
- *coda final*: poucos casos de apagamento; produção da semivogal [y] e casos de realização de líquida lateral;
- *ataque complexo*: índices altos de apagamento; alguns casos de substituição por líquida lateral.

As substituições e as omissões para *r-forte* apresentam a seguinte característica:

- *ataque simples*: casos de substituição de *r-forte* por consoantes plosivas e coronais; pouca frequência de líquidas laterais e de semivocalizações.

Os dados do espanhol estão sendo coletados na cidade de Buenos Aires através da aplicação do instrumento proposto por Yavas, Hernandorena e Lamprecht (1991), acrescido de uma lista de palavras adicionais para auxiliar a entrevistadora no momento da coleta.⁷

<i>perro</i>	/peRo/	['peRo]	Ezequiel 2:8
<i>ratón</i>	/Raton/	[da'ton]	
<i>oreja</i>	/oreXa/	[o'eXa]	
<i>otro</i>	/otro/	['oto]	
<i>cuchara</i>	/kutʃara/	[ku'tʃala]	

⁶ Está sendo considerado aqui um índice superior a 70% de realização na faixa etária. Durante a coleta de dados da fala das crianças pertencentes às primeiras faixas etárias, a entrevistadora utilizará, além dos desenhos temáticos, brinquedos e outros objetos, com a finalidade de conseguir um maior número de palavras.

<i>rojo</i>	/RoXo/	['loXo]	Bianca 2:10
<i>ratón</i>	/Raton/	[Ra'ton]	
<i>cocodrilo</i>	/kokodrilo/	[koko'dilo]	
<i>tortuga</i>	/tortuga/	[tu'tuga]	
<i>paraguas</i>	/paraguas/	[pa'lagwas]	
<i>ruedas</i>	/Ruedas/	['Rwedas]	Nazarena 3:3
<i>tambor</i>	/tambor/	[tam'bor]	
<i>largo</i>	/largo/	['largo]	
<i>tres</i>	/tres/	['tes]	
<i>caracol</i>	/karakol/	[kara'kol]	
<i>tenedor</i>	/tenedor/	[tene'dor]	
<i>remera</i>	/Remera/	['Remera]	
<i>señor</i>	/señor/	[se'ñor]	Carolina 3:4
<i>reloj</i>	/ReloX/	[de'loX]	
<i>tortuguitas</i>	/tortugitas/	[towtu'gitas]	
<i>rastillo</i>	/Rastifo/	[Ras'tifo]	
<i>toro</i>	/toro/	['tolo]	
<i>fruta</i>	/fruta/	['futa]	
<i>príncipe</i>	/porteira/	[po'tela]	
<i>rana</i>	/Rana/	['Rana]	Panchi 3:5
<i>gorrito</i>	/goRito/	[go'Rito]	
<i>ternero</i>	/ternero/	[ter'nero]	
<i>dragón</i>	/dragon/	[dya'gon]	
<i>brujo</i>	/bruXo/	['byuxo]	
<i>vibora</i>	/vibora/	['vibora]	
<i>fruta</i>	/fruta/	['futa]	
<i>perro</i>	/peRo/	['peRo]	Mateo 3:8
<i>serpiente</i>	/serpiente/	[ser'pyente]	
<i>cangrejo</i>	/kangreXo/	[kan'geXo]	
<i>rastillo</i>	/Rastifo/	[Ras'tifo]	
<i>otro</i>	/otro/	['otro]	
<i>tijera</i>	/tiXera/	[ti'Xera]	

Os dados estudados até o momento, que estão em parte exemplificados acima, vêm mostrando uma tendência à manutenção da ordem de aquisição encontrada no português. O *r-forte* parece emergir mais cedo do que o *r-fraco*.

Em relação às substituições encontradas, pode-se verificar que as crianças estudadas não recorrem com a frequência das brasileiras à substituição do 'r' por líquida lateral. Somente algumas ocorrências de /l/ foram encontradas e todas elas na posição de

ataque simples. As semivocalizações, por sua vez, ocorrem em coda medial e ataque complexo. Foram encontrados também, vários casos de substituição de *r-forte* por plosivas coronais sonoras. Alguns exemplos de *r-fraco* substituindo o forte foram localizados preferencialmente no início da palavra, posição em que não há contraste.

A representação das róticas e as evidências da aquisição

As propostas de um 'r' subjacente sugerem que a distinção entre *caro* e *carro*, *pero* e *perro* seja decorrente da presença de uma estrutura CV.CV em oposição a uma CVC.CV. Embora apresentem essa característica comum, se analisadas separadamente em relação aos dados de aquisição, levam a resultados distintos.

Considerando a proposta de um *r-forte* subjacente, pode-se supor que a criança, em um primeiro estágio, caracterizado pela não produção de estruturas CCV ou CVC, é capaz de produzir o *r-forte* em uma palavra como 'carro', não como o resultado de uma geminada mas porque não adquiriu ainda a regra que enfraquece a consoante (cf. Regra 2 da proposta de um *r-forte* subjacente). No entanto, se isso é o que ocorre, é de se esperar que palavras como 'caro' fossem produzidas com [R]. Exemplos desse tipo não são encontrados, porém, na fala das crianças brasileira e, tampouco, nas produções estudadas das crianças argentinas.

Assumir a proposta de um *r-fraco* subjacente, por outro lado, implica afirmar que o *r-forte* somente será produzido na fala infantil se a criança dominar o parâmetro da coda medial. Há evidências, nos estudos de aquisição da sílaba do português brasileiro e do europeu, de que há uma grande diferença de tempo no processo de aquisição da coda medial e da coda final (cf. Hermandorena (1990), Miranda (1996), Freitas (1997) e Rangel (1998), entre outros. Além disso, em relação à produção do 'r' na coda medial, pode-se afirmar, a partir dos dados estudados por Miranda (1996), que sua produção é bastante tardia).

Para que se possa pensar sobre a aquisição de um parâmetro silábico, no caso a coda medial, é preciso considerar o que acontece nas situações em que o segmento ocupante da posição de coda no meio da palavra não é uma rótica.⁵

⁵ É importante saber quando são produzidas as fricativas e as laterais, embora estas, no caso do dialeto português estudado, sejam sempre semivocalizadas. A nasal será deixada de lado, pois assim como Freitas (1997) considero que, nesse caso, não se trata de uma coda. (cf. proposta de Mateus e d'Andrade (2000)).

O estudo transversal de Hernandorena (1990), realizado a partir dos dados de 134 crianças brasileiras com idades entre 2:0 e 4:3, mostrou que o *r-forte* é produzido com um índice superior a 75% a partir dos 2:2 e que a coda com fricativa e com rótica é adquirida nas faixas de 2:10 - 2:11 e 4:0 - 4:1, respectivamente. Isso mostra que, antes de produzir a rótica e a fricativa na coda, as crianças estudadas já produzem o *r-forte* há bastante tempo.

O trabalho desenvolvido por Mezzomo (1999), também com base em dados recolhidos transversalmente,⁹ trata especificamente da coda medial. A ordem e o período em que a aquisição pode ser considerada concluída, com mais que 80% de produção, é, segundo a autora: lateral (2:6) > fricativa (3:0) > rótica (3:8).

Os resultados do português apresentados indicam que a criança, quando produz o *r-forte* (2:4 nos resultados de Miranda (1996) e 2:2 nos de Hernandorena (1990)), não está produzindo consistentemente a consoante da coda. Assim, tal constatação funciona como um argumento contrário à proposta de apenas um *r-fraco* subjacente.

A proposta de Bonet e Mascaró (1996) aplicada aos dados de aquisição consegue, além de dar conta da diferença entre a idade das crianças para a produção dos 'r's, explicar os tipos de substituições encontrados nos dados. De modo geral, observa-se que, entre os segmentos produzidos no lugar da rótica, há semelhança no grau de soância. Através da escala proposta por Bonet e Mascaró (1996), pode-se ver que as substituições de *r-fraco* são feitas ou por segmentos que compartilham o mesmo grau de soância, ou por aqueles que lhe são adjacentes na escala ([l] e [y]). No que concerne a fenômenos como a plosivização, vale salientar que o registro é importante porque demonstra que um grupo de informantes está tratando a rótica como uma plosiva, ou seja, como um segmento cujo grau de soância é zero. A partir da proposta mais tradicional da Escala de Soância, a qual atribui o mesmo grau para *r-fraco* e *r-forte*, não se pode dar conta de fenômenos desse tipo. Tampouco pode ser explicado o procedimento dos informantes brasileiros que, por não terem ainda adquirido o ponto de articulação velar para consoantes, produziram, em lugar do *r-forte*, plosivas coronais (*relógio* - [te'lozu]). Exemplos desse tipo são indicadores de que a motivação da troca não é simples semelhança fonética, visto que o *r-forte* é produzido no português como fricativa velar, mas algo que tem a ver com a representação fonológica das crianças.

⁹ Vale salientar que os dados de Mezzomo (1999) pertencem ao mesmo banco de dados referido na Nota 5 e, assim como os dados de Miranda (1996) receberam tratamento estatístico através da utilização dos Programas VARBRUL.

Considerações finais

Os dados de aquisição da linguagem nos permitem entender melhor a gramática das línguas humanas. É através deles que se pode observar o papel ativo da criança, ao conjugar as propriedades características das estruturas linguísticas e as evidências oferecidas pela fala de sua comunidade, para construir a gramática de sua língua. Os dados apresentados e comentados ao longo desse trabalho mostram ritmos, estágios e alternativas encontradas pelas crianças para resolver problemas imediatos surgidos ao longo do desenvolvimento e enfrentados graças ao equipamento linguístico que é parte do cérebro humano. As produções infantis podem constituir argumentos a serem acrescidos à discussão relativa ao status fonológico das consoantes róticas, controvérsia que, como visto, tem mobilizado estudiosos da fonologia das línguas romances ao longo das últimas décadas.

Através da observação do comportamento linguístico de crianças brasileiras e argentinas pode-se verificar que as estratégias utilizadas por elas são bastante semelhantes e apontam para uma tentativa de marcar as diferenças entre os 'r's forte e fraco.

A tendência ao não-marcado, clara durante todo o processo de aquisição, explica, se considerada a proposta de Bonet e Mascaró para a representação das róticas, o porquê da aquisição precoce do *r-forte*, segmento possuidor do valor *default* do traço [α]. A diferença no tempo de aquisição do ataque ocupado pelo *r-forte* em comparação com o ataque ocupado pelo *r-fraco*, indicando a precocidade do primeiro e a aquisição tardia do segundo e o tipo de substituições encontradas nos dados, serve como mais uma evidência de que a criança trata as duas róticas como fonemas distintos.

Referências

- BONET, E.; MASCARÓ, J. *On the representation of contrasting rhotics*. Unpublished ms. Universidade Autônoma de Barcelona, 1996.
- CÂMARA Jr., J. M. *Para o estudo da fonêmica portuguesa*. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1953.
- _____. *Para o estudo da fonêmica portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1977.
- FREITAS, M. J. *A aquisição da estrutura silábica do português europeu*. Lisboa, 1997. Tese (Doutorado em Linguística) Universidade de Lisboa.

- HARRIS, J. W. (1983) *Syllable structure and stress in Spanish: a nonlinear analysis*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press.
- HERNANDORENA, C. *Aquisição da fonologia do português: estabelecimento de padrões com base em traços distintivos*. Tese (Doutorado) PUCRS, 1990.
- LINDAU, M. The story of 'r'. *Phonetic Linguistics*. Ed. By V. A. Fromkin. Orlando: Academic Press, 1985.
- LÓPEZ, B. S. *The sound pattern of Brazilian Portuguese (cariocan dialect)*. Los Angeles. Tese (Doutorado) – University of California, 1985.
- MADDIESON, I. *Patterns of sounds*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.
- MALMBERG, B. *A fonética*. Lisboa: Livros do Brasil, 1954.
- MATEUS, M. H. M.; D'ANDRADE, E. *The Phonology of Portuguese*. New York: Oxford University Press, 2000.
- MEZZOMO, C. L. *Aquisição dos fonemas na posição de coda medial do português brasileiro, em crianças com desenvolvimento fonológico normal*. Dissertação (Mestrado em Letras) – PUCRS, 1999.
- MIRANDA, A. R. M. *A aquisição do "r": uma contribuição à discussão sobre seu status fonológico*. Dissertação (Mestrado em Letras) – PUCRS, 1996.
- . Acoustic evidences about the setting of the coda parameter in Brazilian Portuguese. In: ALMGREN, M.; BARREÑA, A.; EZEÍZABARRENA, M.; IDIAZABAL, I.; MACWHINNEY, B. (Orgs.). *Proceedings of the 8th Conference of the International Association for the Study of Child Language*, Somerville, Cascadia Press, v. 2, p. 840-849, 2001.
- . (2003) /kar.ro/ ou /ka.Ro/: evidências da aquisição da linguagem. *Anais do II Congresso Internacional da ABRALIN*, 2001 (no prelo).
- RANGEL, G. de A. *Uma análise auto-segmental da fonologia normal: estudo longitudinal de 3 crianças de 1:6 a 3:0*. Dissertação (Mestrado em Letras) – PUCRS, 1998.
- YAVAS, M.; HERNANDORENA, C. L.; LAMPRECHT, R. *Avaliação fonológica da criança, reeducação e terapia*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.
- WETZELS, L. *Teoria da Sílabas. Curso ministrado na PUCRS: Anotações de aula*. Porto Alegre, abr. 1995.